



O norte da educação física e ciências do esporte: história e desafios para os dias atuais

Período de 01 a 04 de dezembro de 2010, Castanhal e Belém

A CULTURA LÚDICA DE IDOSOS DE RIO BRANCO/AC: Redescobrimo a Vida

Maria do Socorro Craveiro de Albuquerque – Doutora em Educação/UFAC

Aleta Tereza Dreves – Especialista em Informática na Educação/UFAC

Ramalho Moreira – Bacharel em Educação Física/IAPEN

Alessandra Viana de Lima – Discente do Curso de Educação Física-Licenciatura/UFAC

GTT/03 – CORPO E CULTURA

RESUMO

Este trabalho refere-se a um recorte do projeto de pesquisa denominado Cultura Lúdica de Rio Branco que teve como objetivo resgatar, registrar, divulgar e revitalizar a cultura lúdica de idosos do *Grupo de Terceira Idade Redescobrimo a Vida* de Rio Branco/AC. Utilizamos o método biográfico, segundo os critérios da História Oral (MEIHY, 1996). Entrevistamos 56 sujeitos, na faixa etária de 50 a 89 anos, no período de novembro de 2007 a março de 2008, sendo 20 homens e 36 mulheres, que citaram 105 brincadeiras diferentes, classificadas, segundo critérios propostos por Friedmann (2004), Melo (1979) e Atzingen (2003) em 21 categorias: jogos clássicos; fórmulas de escolha; brinquedos cantados; faz-de-conta; folclore; jogos de exercício; agilidade; destreza e força; brinquedos construídos; jogos de habilidade, salão, pontaria, construção, dramáticos, simbólicos, sorte, tabuleiro, vertigem, atirar e adivinhas. Consideramos, assim, os sujeitos do estudo como depositários e fomentadores da aprendizagem de nossa cultura lúdica, construída a partir de referências de inserção dos diversos grupos sociais, considerando-a como parte integrante do nosso patrimônio imaterial, que transmitido de geração em geração, expressa diferentes valores e concepções.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte do projeto de pesquisa denominado Cultura Lúdica de Rio Branco/AC, que tem como objetivos o fortalecimento das identidades socioculturais e a democratização do acesso aos bens culturais dos cidadãos rio-branquenses, bem como a consolidação do curso de Educação Física da Universidade Federal do Acre, por meio de parcerias interinstitucionais para a realização de ações de ensino, pesquisa e extensão. Tal projeto foi aprovado em edital nacional (Edital N. 04/2007) do Ministério da Educação pelo Programa de Educação Tutorial, onde concorremos para a criação do Grupo PET-Educação Física da UFAC.

Partimos do pressuposto de que a *cultura corporal* resulta de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade, tal produção pode ser identificada como forma de representação simbólica de realidades vividas pelo ser humano, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Desse modo, a *cultura lúdica* é a dimensão da cultura caracterizada pelo processo pautado na aprendizagem centrada nos jogos, brinquedos e brincadeiras, construída a partir das referências de inserção social de pessoa e/ou grupos.

Brougère (1997) afirma que a brincadeira acontece a partir da livre escolha e da comunicação, na verdade uma metacomunicação, como afirma Bateson (citado por Brougère, 1997, p. 99): “A brincadeira só é possível se os seres que a ela se dedicarem forem capazes de um grau de metacomunicação, ou seja, se forem capazes de trocar sinais que veiculem a mensagem *isto é uma brincadeira*”.

Para Brougère a brincadeira requer uma sucessão de decisões onde se pode inventar e criar ou mudar esse universo imaginário. Assim, a brincadeira é um processo de relações inter-individuais, portanto, de cultura e pressupõe um aprendizado social.

A cultura lúdica dispõe de certa autonomia, de um ritmo próprio, mas só pode ser entendida em interdependência com a cultura global de uma sociedade específica (...) recebe estruturas da sociedade, conferindo-lhe um aspecto específico. Na verdade, esta é diferenciada: diferença de sexos, de gerações, até mesmo de idade, de meio social, de nações e de regiões (...) na verdade é também estratificada, compartimentada, e não acontece do mesmo modo em todos os lugares onde a brincadeira é possível (...). Enfim, poder-se-ia pensar que essa cultura lúdica irá constituir uma bagagem cultural para a criança e se incorporar de modo dinâmico à cultura, à capacidade de criação do futuro adulto (BROUGÈRE, 1997, p. 52).

Em Rio Branco, como aconteceu em outras cidades em desenvolvimento acelerado, houve mudanças nas maneiras de brincar e de viver a infância. Em uma sociedade marcada por intensas transformações e pela rapidez da informação e da comunicação, os brinquedos eletrônicos ocupam um espaço cada vez maior em nosso cotidiano. A mídia e a tecnologia dos brinquedos modernos, somadas à violência urbana desfavorecem as brincadeiras de rua. O tradicional convive com o moderno, pois, vivemos numa sociedade fragmentada, na qual coexiste o passado, o presente e o futuro.

Este cenário acabou por modificar, sem dúvida, a brincadeira infantil, que guarda significações específicas de mundo, incorporando os saberes e fazeres das culturas locais. Nesse contexto, o convívio entre gerações - pais, avós, tios, primos, vizinhos - está ficando escasso ou mesmo “desaparecendo”, fazendo com que se percam algumas das formas mais fortes de transmissão e perpetuação das tradições: a oralidade, a vivência de práticas lúdicas do cotidiano social (jogos e brincadeiras) e o domínio das técnicas de produção de brinquedos caseiros.

Diante dessa realidade, consideramos a urgência e necessidade de se fazer um mapeamento da cultura lúdica dos cidadãos rio-branquenses, particularmente, constatando-se que este trabalho é pioneiro em nosso Estado, pois, investiga o fenômeno lúdico em suas raízes históricas e culturais. E como expressão da cultura nos possibilitará enxergar estilos de vida, maneiras de pensar, sentir e falar e, sobretudo, maneiras de brincar e interagir específicas da nossa cidade.

Buscamos mapear a memória lúdica local a partir da identificação das histórias de vida de idosos - o contexto de sua prática, traços comuns e/ou singulares – tendo como referência a seguinte questão: *Como podemos contribuir para resgatar, divulgar e registrar a cultura lúdica dos cidadãos de Rio Branco, a partir das histórias de vida de idosos?* Nosso objetivo foi o de registrar, revitalizar e divulgar a cultura lúdica local, por meio de pesquisa da memória lúdica de idosos.

DESENVOLVIMENTO

A questão do idoso é comumente tratada como um “desafio social”, considerando-se o aumento da população desta faixa etária (acima de 60 anos). São frequentes as

interpretações, por exemplo, sobre a manutenção do equilíbrio do sistema de previdência social com o aumento da expectativa de vida no país. Além disso, é comum a conotação negativa que é dada à velhice, negligenciando-se outros aspectos importantes, como a valorização da sabedoria e experiência do idoso, a maturidade de pessoas, não obstante a sua fragilidade física, que acumulam inestimáveis experiências de vida que poderiam ser uma fonte riquíssima de conhecimento para os mais jovens.

O fenômeno do envelhecimento, de proporção mundial, é resultante da melhora na expectativa de vida – fruto do progresso contínuo na luta contra a mortalidade nos últimos séculos. Os avanços na medicina, os cuidados preventivos com a saúde, a alimentação, as atividades recreativas e culturais contribuíram significativamente para o aumento do número de pessoas que chegam à velhice. O mundo está envelhecendo e a sociedade precisa estar preparada para respeitar os direitos dos idosos. No último século, alguns fatos importantes conduziram ao fortalecimento, em nível internacional, da defesa dos direitos humanos.

Muitos países – entre eles o Brasil – comprometeram-se a respeitar, de modo absoluto, os direitos humanos tal como declarados naquele documento internacional. A *Constituição Federal do Brasil*, de 1988, assimilou esses princípios, reconhecendo a dignidade humana como um dos fundamentos do Estado. Entretanto, vivemos em uma sociedade que valoriza a produtividade e considera os idosos, que não estão mais no mercado de trabalho como “população excedente”, de acordo com a lógica capitalista.

Em sentido diverso, os idosos, comprovando sua vitalidade, têm se organizado em associações e grupos da terceira idade, a fim de conquistar o espaço que lhes têm sido negado. Conseqüentemente, certos aspectos psicossociais negativos, comuns na velhice – solidão, isolamento social, alienação – podem ser minimizados com o estabelecimento de grupos de relacionamento em locais variados (clubes, associações, escolas, redes de relacionamento diversas) para a criação de novas formas de socialização e amizade, na busca de informações sobre assuntos de interesse pessoal e sobre o que acontece ao seu redor e no mundo.

Nesse contexto em 1993, foi fundado em Rio Branco, o *Grupo de 3ª Idade Redescobrimdo a Vida*. Na época, os idosos do Bairro Aeroporto Velho, vendo as condições de descaso do poder público com o prédio do antigo aeroporto, transformado no Centro Cultural Lydia Hammes, solicitaram às autoridades municipais a reforma do local. A Fundação Municipal de Cultura Garibaldi Brasil, intermediou as negociações institucionais e após a restauração do prédio, o grupo foi instalado no local.

Os objetivos iniciais relacionavam-se à ocupação – tanto no sentido da realização de atividades, quanto no sentido da apropriação social – do Centro Cultural Lydia Hammes com ações culturais. Sendo assim, em reunião realizada no local, a professora cearense Maria do Socorro Nascimento de Paiva foi eleita por unanimidade como presidenta do grupo, posição que ocupa até hoje, passando a organizar duas atividades que já aconteciam: um sarau musical e a venda de alimentos para angariar fundos para o grupo.

Posteriormente, o grupo passou a desenvolver outras ações: oficinas, cursos, passeios e o que passou a ser a atividade principal do grupo, o forró do Lydia Hammes. O próprio grupo organizou uma banda de forró, a compra dos instrumentos e os ensaios. Este forró acontece todos os sábados e é ponto alto das atividades que são realizadas no local, cuja renda é revertida em benefício das ações do grupo. Angariando grande público, em torno de 300 pessoas – e a simpatia local – tem conseguido ser elemento agregador dos idosos inicialmente daquele bairro, mas, agora também de toda a cidade, inclusive bairros mais distantes.

Tal fato tem chamado a atenção de instituições locais de ensino superior (UFAC, FIRB, UNINORTE), bem como de escolas públicas e particulares – que lhes convidam para apresentações e palestras. O grupo *Redescobrimdo a Vida* busca manter suas atividades apresentando projetos (Lei de Incentivo) nas duas Fundações Culturais existentes no Acre

(FGB e FEM). E em resposta ao apelo de Bosi é que buscamos neste grupo, a recolha das informações sobre nossa cultura lúdica:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chagar-nos pela memória dos velhos. (...) Hoje, fala-se tanto em criatividade... **Mas, onde estão as brincadeiras, os jogos, os cantos e danças de outrora?** Nas lembranças de velhos aparecem e nos surpreendem pela sua riqueza. O velho, de um lado, busca a confirmação do que se passou com seus coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, investiga, pesquisa, confronta esse tesouro de que é guardião (BOSI, 2009, p. 82-83). [grifos nossos]

Com os estudos de Ecléa Bosi (2009), hoje compreendemos melhor a importância e a complexidade do trato da lembrança quando diz:

(...) o que rege, em última instância, a atividade mnêmica é a função social exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra. Há um momento que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento da velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (BOSI, 2009, p. 23).

Neste trabalho utilizamos o método biográfico, segundo os critérios da História Oral (MEIHY, 2002), com base na história de vida dos idosos que frequentam o Centro Cultural Lydia Hammes, e que são associados ao *Grupo de Terceira Idade Redescobrimo a Vida*. O grupo conta atualmente em seu quadro de associados com cento e trinta e um (131) idosos. Dentre esses, entrevistamos cinquenta e seis (56) sujeitos, sendo vinte (20) homens e trinta e seis (36) mulheres, com faixa etária variando entre cinquenta (50) a oitenta e nove (89) anos, no período de novembro de 2007 a março de 2008.

Fizeram parte do estudo todos os sujeitos que aceitaram ser entrevistados, independentemente de gênero ou idade. Para nosso objetivo ser contemplado, buscávamos idosos que nos relatassem suas memórias de infância, com isso, obtivemos a adesão de quase metade da população alvo. Todas as entrevistas foram realizadas no Centro Cultural Lydia Hammes, no turno vespertino, quando acontece a maior parte das atividades do grupo (aulas, ensaios, etc.).

Os sujeitos da pesquisa voluntariamente assinaram uma “carta de cessão de direitos sobre imagem e som”, foram postos a par do “termo de consentimento livre e esclarecido”, em que, após explanação detalhada, ratificaram o ato de permissão de utilização dos relatos para uso na pesquisa e outras formas de divulgação, como a possível publicação dos mesmos.

Do total de entrevistados, 58,9% são acrianos nascidos em Rio Branco, ou dos municípios de Sena Madureira, Xapuri, Tarauacá, Feijó e Cruzeiro do Sul, outros 21,4% são nordestinos nascidos no Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Maranhão, e os demais 12,5% são naturais do Amazonas e, apenas 1,78% provêm do Sudeste.

O bairro Aeroporto Velho, onde se localiza o Centro Cultural Lydia Hammes e onde funciona o grupo de terceira idade “Redescobrimo a vida” é um lugar formado por famílias que têm em comum suas trajetórias, pois é fruto dos processos econômicos e ocupacionais estabelecidos para a região amazônica formadas na grande maioria de migrantes nordestinos, que sem grandes recursos deixaram sua terra natal e saíram em busca de melhores condições de vida.

A vinda de nordestinos para o Acre ocorreu nos chamados ciclos da borracha¹. Não se pode precisar o número desses imigrantes. Mas, segundo o jornal O Povo (21/6/1998), calcula-se que foi em torno de 55 mil pessoas, entre o período de 1942 a 1947.

Nos relatos dos sujeitos da pesquisa encontramos a memória desse período

Naquela época, 42, 43, 44, 45 foi uma época muito difícil que eu passei na minha vida como menino, como criança, mas eu me lembro de tudo e gostava até de me esquecer. Esquecer e tirar isso da minha memória, porque foi uma fase muito difícil. Em 45, papai inventou de vir pra o Acre e nós viemos mesmo, hoje estamos aqui. A vida era trabalhar, cortar seringa, colher, defumar e trabalhar na agricultura. Não é fácil não viu? A gente trabalhava demais. Eu brinquei muito pouco. Eu vim brincar depois de grande, mais assim em festa, essas festinhas de dançar. A minha brincadeira foi essa, brincadeira de criança eu tive muito pouca (Valdemar Rodrigues da Silva, 73 anos, natural de Icó (CE). Entrevista concedida a Ramalho Moreira em 15.03.2007).

A memória dos indivíduos está ligada à sua vivência em vários grupos sociais.

A família dos Messias não entrava na rua, brincando de bola, essas coisas. Eles eram assim..., uma família mais fechada. Eles eram maranhenses e tinham uma cultura muito grande. É tanto que eu conheço, por exemplo, a cantiga de maneiro pau, eu conheço deles. (...) Eu até me lembro do refrão, eles cantavam e a gente acompanhava. E tinha um deles que era o seu *Mundico* que gostava da meninada perto dele. Agora como eu não tenho as cantigas da época, eu estou adaptando com o meu povo [do grupo de idosos] as quadrinhas. Adaptando ao maneiro pau [cantarola]: '*Alecrim da beira d'água; maneiro pau, maneiro pau; Hortelã da ribanceira; Maneiro pau, maneiro pau; Se eu não me casar contigo; Maneiro pau, maneiro pau; Prefiro morrer solteira; Maneiro pau, maneiro pau*'. Boa parte do que eu sei das cantigas de roda eu aprendi com a minha irmã, e juntou com o que eu aprendi com esse povo, esses maranhenses. Foi o que aumentou o meu conhecimento das brincadeiras folclóricas [Socorro Nascimento Paiva, 71 anos, natural de Fortaleza (CE). Entrevista concedida a Socorro Craveiro em 05/04/2008].

Toda memória é, como nos ensina Jacques Le Goff (1984), essencialmente individual e constitutivamente social. Por sua vez, Lowenthal (1998, p. 73) enumera três tipos de memória – a *memória instrumental*, o *devaneio* e a *rememoração total*.

A *memória instrumental* encontra-se presente no ato de decorar:

A dona Sinhá que era contadora de histórias. Eu me lembro assim - ela sentada numa rede, bem pretinha ela era, se embalava e fumava um cachimbo. Isso é uma imagem muito nítida da minha infância, ela contando a história e a gente sentada ali, encostado dela, e ela contando aquelas histórias... Às vezes contava dias e mais dias uma história só, mas todo dia a gente queria ouvir prá aprender [Socorro Nascimento de Paiva. Entrevista concedida a Socorro Craveiro em 27.11.2007].

O *devaneio*, sempre passível de ser despertado quando algo toca a fibra sensível de nossas lembranças infantis:

¹ Segundo Souza (2002) o primeiro ciclo vai de 1870 a 1913, o segundo ciclo vai de 1912 a 1943 e o terceiro ciclo situa-se entre 1942 a 1945.

Bom minha filha, minhas brincadeiras era... Brincava mesmo era de boneca. Ela era de pano mesmo! A mamãe fazia pra gente brincar. Ela enchia daquelas esponjinhas! Eu brincava com ela, chamava bruxinha, minha bonequinha... [emociona-se e chora]. Aí uma vez ela fez uma bonequinha pra mim de garrafa, com uma cabecinha assim... [mostra com as mãos], ela vestiu a garrafa e disse que era a minha boneca. Eu dei o nome dela de... Teresinha [risos]. Tinha o maior ciúme da minha bonequinha (...). Depois minha madrinha me deu uma grande que eu chamava de cirilóide, era feita de 'cirilóide' [celulóide] mesmo! Eram aquelas boneconas de antigamente, que não tem mais, daquelas duronas, a gente dava corda e elas saíam andando [faz movimentos com os braços, imitando caminhada] e falando – 'mamãe e papai'. Quando a gente fala "cirilóide" o pessoal não sabe nem o que é, pensa que é palavrão [risos] [Maria Antonia da Silva, 61 anos, natural de Rio Branco (AC). Entrevista concedida a Alessandra Viana em 29.11.2007].

E a *rememoração total*, que parece nos arrancar involuntariamente do presente para transportar-nos ao passado:

A gente brincava de roda, brincava do esconde, a gente tinha várias brincadeiras. E no inverno a gente fazia balsa pra ir andar, e o igapó se estendia até lá pela Redenção, por onde hoje é o Corpo de Bombeiro. A gente vê que dali da Cadeia Velha para o Corpo de Bombeiros tem uma distância grande, mas, a gente andava aquilo tudo de balsa, botava quatro em cima de uma balsa e se mandava. Foi assim... Uma infância que eu posso dizer - eu aprendi muito, o meu aprendizado não foi na minha casa, o meu aprendizado foi com a convivência com as pessoas - que na época eram quase todos nordestinos. E meu pai trabalhava e passava o dia fora com os meus irmãos mais velhos, né? Então eu dava conta de mim mesma [risos]. Então nós brincávamos de tudo que você possa imaginar: fazer casamento de boneca, fazer batizado... Nós tínhamos uma vizinha que lavava roupa para os padres, e a gente pegava as roupas dos padres vestia e fazia batizado [risos] [Socorro Nascimento de Paiva/Entrevista concedida a Socorro Craveiro em 27.11.2007].

E para Bosi (2009, p. 81) a memória tem uma função social: "Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição".

Brinquei muito com pião, aquele que a gente joga com a corda. Peteca não, nesse tempo não existia essas coisas não, essas coisas veio de 70 pra cá. Inventava que ia pra festa, vestia a roupa, saía... Chegava lá, ficava tocando cavaquim de pau, pegava uma torazinha de fibra e amarrava no pedaço de tábuá, era o violão! Ficava aquele monte de menino tocando, aí chegava o pessoal, mas, tudo era de brincadeira. Tem muitas coisas que a gente brincava, mas que no momento a gente não lembra né? [Manoel Carneiro de Souza, 73 anos, natural de Teresina (PI). Entrevista concedida a Ramalho Moreira em 01.12.2007].

As lembranças dos idosos aparecem e nos surpreendem pela sua riqueza. Disso resultou que os entrevistados citaram cento e cinco (105) brincadeiras diferentes, que classificamos a partir de Friedmann (2004), Melo (1979) e Atzingen (2003) em vinte e uma

(21) categorias: 1. *Clássicos* (pipa, pião, amarelinha, bola); 2. *Fórmulas de escolha* (panelinha de ioiô/fui no mato); 3. *Cantigas de Roda* (atirei o pau no gato/ciranda, cirandinha/fui à Espanha/Itororó/onde está a margarida/tanta laranja madura/caranguejo peixe é/D. Sancha/esta menina/você gosta de mim/vossa senhoria/machadinha/ a carrocinha pegou/esquindo-lê-lê); 4. *Brinquedo cantado* (escravo de Jó/Terezinha de Jesus/se essa rua fosse minha/mavé, mavé/lagarta pintada/vamos passear na floresta/a linda rosa juvenil/o cravo brigou com a rosa/carneirinho, carneirão/Pai Francisco/panelinha de melão/bom barqueiro); 5. *Faz de conta* (escola/seringueiro/piloto de batelão/casinha); 6. *Jogos populares* (esconder/cipó queimado/cadê o grilo/limãozinho/melancia/peteca/pular corda/cabra – cega/manja/o mestre mandou/corrida do ovo/boca de forno/barra-manteiga/trinta e um alerta/pedrinha/cinco Marias/galinha gorda); 7. *Jogos de exercício* (escorregar no barranco/corrida no saco/espaguete²/pular no rio/subir em árvore/apostar corrida/andar de canoa/pular corda); 8. *Jogos de agilidade, destreza, força* (trapézio/ordem/montar no garrote/pau de sebo/plantar bananeira/pula-pula/andar a cavalo/remar/brincadeira da vassoura/touro/caçar passarinho/correr na praia/balançar no cipó); 9. *Jogos de habilidade* (pescar, caçar, construir armadilhas de passarinho); 10. *Jogos de salão* (contar histórias de assombração, caixinha de segredos, anelzinho); 11. *Jogos de pontaria* (arco e flecha/atirar com mamona/baladeira/zarabatana); 12. *Jogos de construção* (brincar com areia/montar arapucas/construir casinhas); 13. *Jogos dramáticos* (malhação do Judas/teatro); 14. *Jogos simbólicos* (carnaval/festas); 15. *Jogos de sorte* (baralho/dados); 16. *Jogos de tabuleiro* (damas/jogo da onça); 17. *Jogos vertigem de* (João Gulamacho); 18. *Jogos de atirar* (lançar pedras, pedaços de pau, frutas à distância); 19. *Adivinhação* (diversas); 20. *Brinquedos construídos* (baladeira com liga de seringa/carrinho de rolimã/dado/bola de: seringa, meia, palha de milho/bole-bole/apito de taquari/barco de madeira/flecha/carrapeta/carrinhos de madeira/cavalo de pau, de sabugo; junta de boi/bonecas de: pano, milho, garrafa, caroço de manga, madeira/perna de pau/violão de lata/canoinha de madeira); 21. *Folclore* (quadrilha/saci-pererê/boi-bumbá/ciranda).

CONCLUSÃO

Entendemos que a cultura é um direito básico do cidadão, tão importante quanto o direito ao voto, a moradia digna, a alimentação, a saúde e a educação. Cultura não é só arte, cultura são valores, posturas, hábitos, lugares, conhecimentos, técnicas, identidades comuns e diversas, conceitos, saberes e fazeres múltiplos.

No âmbito da educação é preciso que o patrimônio cultural comum passe a ter lugares de cultivo de tradições, saberes e fantasias, e que se estabeleça uma relação, sob arranjos institucionais, entre saberes de “fora da escola” e o ensino de modo geral. A repercussão desses saberes culturais no sistema formal de ensino é uma novidade que pode repercutir sobremaneira na atratividade da escola. Pode também dar instrumentos de poder às populações cujos conhecimentos são transmitidos apenas por seu próprio esforço informal. Essas possibilidades devem ter ambiente na vida escolar e universitária, com lugares de aprendizagem e fruição, mas também de produção cultural, onde cada geração desenha seu projeto de futuro e abre possibilidades para a realização do presente e do futuro.

No Acre, o *Grupo de Terceira Idade Redescobrimdo a Vida* tem cumprido importante função social, não somente em Rio Branco, como também em outros municípios acreanos, tanto ao perpetuar nossas tradições culturais pela transmissão oral de cantigas, histórias infantis, causos, parlendas, quadrinhas e verso, bem como pelo ensino de danças e

² Grande abertura ântero-posterior conhecida no balé clássico como spagatti, spacatto, espagati.

folguedos, quanto pela transmissão de valores e pelo respeito às características dos idosos e luta pela garantia de seus direitos.

Sendo assim, consideramos os entrevistados como depositários e fomentadores da aprendizagem de nossa cultura lúdica, construída a partir de referências de inserção dos diversos grupos sociais. As memórias dos idosos, aqui apresentadas, são fincadas na cultura popular de sujeitos, que ajudaram a criar o bairro Aeroporto Velho, um importante segmento social de nossa capital.

E ações culturais como as que são empreendidas pelo Grupo Redescobrimo a Vida, constroem-se em sentimentos de identificação, de pertencimento societário, onde os laços comunitários geram possibilidades de simbolização no fortalecimento das identidades locais.

REFERÊNCIAS

ATZINGEN, Maria Cristina Von. *História do brinquedo*: para as crianças conhecerem e os adultos se lembrarem. São Paulo: Alegro, 2003.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRUGÈRE. G. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1997. COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez: 1992.

FRIEDMANN, A. *A arte de brincar*: brincadeiras e jogos tradicionais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Jornal O Povo. Fortaleza, CE: 21 jun. 1998.

LE GOFF, Jacques. *Memória - História*. Lisboa: Imprensa Oficial/ Casa da Moeda, 1984.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado? *Revista Projeto História*, n.17. São Paulo, 1998, p. 204.

MELO, Veríssimo de. *Folclore Infantil*: acalantos, parlendas, adivinhas, jogos populares, cantigas de rodas. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1979.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. *História do Acre*. Rio Branco: Ed. Carlos Alberto Alves de Souza, 2002.

Email: mariasocorrocraveiro@gmail.com

Email: aleta.ac@gmail.com

Email: ramalho.ef@hotmail.com

Email: alessan.jp@gmail.com

